



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

POLISSEMIA DE ‘ESTUPRO’ E ‘ESTUPRAR’ NO PORTUGUÊS **BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UMA** **ANÁLISE BASEADA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Isabele Marins Santos Cerqueira¹; Natival Almeida Simões Neto²

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PVIC, Graduando em Letras Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marinsisabele@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nasneto@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: polissemia; metáfora; estupro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo estudar a polissemia dos termos ‘estupro’ e ‘estuprar’ no português brasileiro contemporâneo, pela perspectiva da Linguística Cognitiva, uma vez que foram observados novos usos desses lexemas fora do contexto prototípico de violência sexual, especialmente em ambientes informais como o X (ex-Twitter). A Linguística Cognitiva, conforme Knoth (2024), considera a interação da linguagem com a cognição humana, levando em conta fatores neuropsicológicos, sociais e culturais.

A polissemia, conforme Ullmann (1964), refere-se ao fenômeno em que uma palavra adquire múltiplos significados. No caso de ‘estupro’ e ‘estuprar’, além do uso jurídico prototípico, foram atestadas ressignificações que envolvem metáforas de violação simbólica, como em ‘estupro da inteligência’ ou ‘estupro ao consumidor’. Embora esses usos se afastem do sentido literal, preservam a noção central de violação, adaptando-se a novos domínios discursivos, como os emocionais e políticos.

Esse fenômeno reflete a natureza fluida da linguagem, que se adapta às mudanças culturais e sociais. Como destacam Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não apenas permeia a linguagem, mas também molda a cognição. As redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação dessas novas expressões, permitindo uma análise dos processos de variação semântica.

O objetivo desta pesquisa é mapear a variação semântica dos termos ‘estupro’ e ‘estuprar’, categorizando seus diferentes usos e construindo uma rede semasiológica que reflita como a linguagem influencia a percepção social da violência. A pesquisa foi realizada em parceria com o projeto CONHPOR (Construcionário Histórico da Língua Portuguesa) e com apoio da FAPESB.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta Iniciação Científica, fundamentada na Linguística Cognitiva, analisa postagens do X (ex-Twitter) feitas entre 2001 e os dias atuais, que utilizam os termos ‘estupro’, ‘estuprar’ e ‘estuprando’ de forma metafórica ou não, visando captar novos

usos em um ambiente de comunicação digital, onde discussões sociais frequentemente ressignificam palavras ligadas ao léxico jurídico e social. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa para investigar a polissemia desses termos no português brasileiro contemporâneo. O X foi escolhido por apresentar postagens espontâneas.

A coleta de dados ocorreu de abril a junho de 2024, utilizando a busca do X. Foram selecionados 20 tweets que continham os termos "estupro", "estuprar" e "estuprando" em variados contextos, sendo 10 de usos metafóricos e 10 de usos prototípicos. Embora a plataforma tenha saído do ar no Brasil após o período de coleta, isso não afetou a pesquisa, pois os dados já estavam organizados.

Os dados foram categorizados em diferentes sentidos, distinguindo usos prototípicos e periféricos, como metáforas, ironias e hipérboles. A partir dessas categorias, foi elaborada uma rede semasiológica para mostrar o processo de ressignificação, indicando quais significados derivam do sentido prototípico e como as figuras de linguagem expandem o campo semântico dos termos.

Os novos usos foram organizados em uma tabela, com colunas para "realização" (dividida entre usos metafóricos e prototípicos), "categoria" (tipo de metáfora), "domínio epistêmico" (percepção associada ao uso) e "interpretação" (explicação detalhada do contexto e intenção do autor)

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A evolução semântica dos termos 'estupro' e 'estuprar' pode ser melhor compreendida a partir de sua origem etimológica. Ambos derivam do latim *stūprum* e *stūprāre* respectivamente, termos esses que originalmente tem seu sentido associados a 'desonra', 'vergonha' e 'desgraça', principalmente relacionada à castidade, enquanto a conotação de 'adultério', 'estupro' e 'fornicação' são categorias mais periféricas. Ao longo do tempo, esses significados foram se modificando, resultando na inversão semântica que consolidou o conceito de crime como o sentido prototípico. Atualmente 'estupro' e 'estuprar' estão amplamente associados à violência sexual, conforme estabelecido no Código Penal, e reflete a consolidação histórica do termo como um crime contra a dignidade sexual e se afastando da ideia de fornicção e adultério.

Os dicionários apontam quanto ao sentido prototípico de estupro e estuprar, mas não mencionam usos metafóricos e metonímicos dos itens, nem mesmo usos figurados, entretanto, os dados analisados indicam que, em contextos mais informais, especialmente no Twitter (X), os falantes têm expandido o uso de "estuprar" para significar diferentes tipos de violação, muitas vezes desvinculadas do campo sexual. Essa expansão pode ser compreendida, em parte, pela origem etimológica, que por carregar a ideia de violação de honra, hoje, essa 'violação' metafórica se aplica a campos emocionais, psicológicos e até políticos, em expressões como "estupro ao consumidor" ou "estuprar a verdade".

A análise dos dados coletados no Twitter (X) revelou uma série de padrões semânticos que indicam a polissemia dos termos "estupro" e "estuprar". Ao longo do estudo, foi possível categorizar os usos dos termos em dois grandes eixos: prototípico e não prototípico.

Tabela. Novos usos atestados dos termos ‘estupro’ e ‘estuprar’

Realização	Categoria	Domínio Epistêmico	Interpretação
Estupro no Big Brother? É um estupro a minha inteligência assistir aquilo!	Metáfora de Ofensa Intelectual/Visual	Percepção subjetiva de ofensa intelectual.	Nesse caso, o uso do termo "estupro" de forma metafórica serve para enfatizar o quanto a pessoa considera o programa intelectualmente insultante ou degradante. Em essência, a frase expressa que assistir ao "Big Brother" é tão ruim que a pessoa se sente intelectualmente violentada, ou que sua inteligência está sendo desrespeitada de maneira extrema.
Sinal de que minimizam a gravidade da cultura do estupro, que não se importam com as mulheres e que valorizam bens materiais mais q a vida.	Prototípico com Enfoque Social/Cultural	Social/Cultural	A frase está fazendo uma crítica social, apontando que o estupro é banalizado dentro de um contexto mais amplo que negligencia as vítimas e prioriza valores materiais. Isso ressalta a gravidade do problema e a falta de conscientização sobre o impacto do estupro e da cultura que o sustenta.

Fonte: elaborado pelos autores.

Esta pesquisa revelou que os termos ‘estupro’ e ‘estuprar’ no português brasileiro contemporâneo passaram por um processo significativo de polissemia, que reflete transformações sociais, culturais e discursivas. A análise de dados extraídos do Twitter (X) evidenciou a coexistência de dois eixos de uso: os prototípicos, fortemente ancorados no conceito jurídico de violência sexual, e os não prototípicos, que utilizam os termos em sentidos metafóricos e figurados, aplicando-os a outras formas de violação, como manipulações emocionais, psicológicas e políticas.

Os usos prototípicos dos termos, entretanto, continuam a desempenhar um papel central, especialmente em discussões sobre violência de gênero. A análise mostrou que

os falantes utilizam ‘estupro’ e ‘estuprar’ de forma consistente quando se referem ao crime de violência sexual, mantendo a ligação etimológica e semântica com o conceito original. Esse uso central confirma a prototipicidade dos termos, que permanecem profundamente enraizados na ideia de violação sexual, mesmo diante da expansão para outros campos discursivos.

No que se refere aos usos não prototípicos, o estudo revelou que as metáforas criadas a partir de "estuprar" e "estupro" são uma forma de amplificar a gravidade de certas violações simbólicas e morais, como a quebra de confiança, a manipulação de verdades ou a corrupção de valores democráticos. Ao utilizar um termo com uma carga tão forte e negativa quanto "estuprar", os falantes conseguem intensificar a retórica em torno de uma violação percebida como grave, estabelecendo um paralelo entre a violência física e a violência simbólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A pesquisa mostrou que os termos ‘estupro’ e ‘estuprar’ passaram por um processo significativo de evolução semântica. Derivados do latim *stūprum* e *stūprāre*, originalmente relacionados à ‘desonra’ e ‘vergonha’, esses termos consolidaram-se ao longo do tempo com o sentido prototípico de crime de violência sexual, conforme estabelecido no Código Penal. Entretanto, os dados coletados no X (ex-Twitter) revelaram a coexistência de usos prototípicos, ligados ao conceito jurídico, e não prototípicos, nos quais os termos são utilizados metaforicamente para descrever diferentes formas de violação simbólica, emocional e política, estes novos usos metafóricos mantêm a noção central de violação, mas expandem os significados para outros contextos.

REFERÊNCIAS

BRÉAL, M. ([1897]1992). **Ensaio de Semântica**. Trad. Aída Ferras et al. (trad.) São Paulo: Pontes/Educ.

KNOTH, João Vitor. **Conceptualizações de vida e de morte em notas de suicídio escritas por brasileiros no século XXI**. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2024.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

SILVA, Augusto S. da. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Almedina: Coimbra, 2006.